



A GUERRA LIMITADA SEGUNDO O ENFOQUE DAS SUPERPOTÊNCIAS E A APLICAÇÃO DE SEUS CONCEITOS ÀS NAÇÕES DO TERCEIRO MUNDO

Luiz Sergio Silveira Costa

Artigo transcrito da "Seção da EGN", da Revista Marítima Brasileira (Nº 718, Jul/Set/88).

Nele são discutidos conceitos de guerra limitada, comentadas as guerras contemporâneas clássicas no seu contexto (Coreia, Vietnã e Malvinas) e apreciado o enfoque que lhe emprestam as superpotências e as nações do Terceiro Mundo.

Segundo o autor "a História, esse imenso sistema de alarme, acabou consagrando a guerra limitada, pois, terminada a 2ª Guerra Mundial, não mais ocorreram guerras totais..." - citação que ressalta a relevância do assunto.

A GUERRA

A guerra, segundo a concepção clássica, foi sempre considerada como uma exceção ao estado de paz, pois a normalidade é a paz e não a guerra, o que implica o estado de direito – no plano interno – e a ação da diplomacia e no respeito à soberania dos outros países – no plano externo. Porém, ao longo da história da humanidade, a paz é que tem sido a exceção.

O historiador David Wood, considerando apenas os anos transcorridos após a Segunda Guerra Mundial, registrou mais de 73 conflitos, não computadas, por posteriores à sua obra, as lutas entre Israel e os países árabes, entre a Índia e o Paquistão, a Guerra das Malvinas, a Guerra Irã – Iraque e vários atos isolados de agressão e terrorismo.

Ao que parece, muitos ainda estão buscando inspiração nas palavras de Hugo Grotius, notável jurista holandês dos séculos XVI e XVII (1583-1645), escritas em seu *De jure belli et pacis*: "É um preceito de regra geral da razão de que todo homem deve procurar a paz enquanto tiver esperanças de obtê-la e, quando isso não for possível, poder buscar e utilizar todos os recursos e vantagens da guerra" (4:13).

A GUERRA LIMITADA

Segundo Robert Osgood, a guerra limitada é aquela que envolve dois ou muito poucos beligerantes e na qual a batalha é limitada a uma área geográfica; é dirigida contra alvos selecionados, primordialmente contra aqueles de importância militar; os objetivos são definidos e limitados, demandando menos poder do que a capacidade total de cada oponente; permite que a vida administrativa e econômica dos participantes continue sem maiores perturbações, e não visa à rendição incondicional nem à completa destruição do rival.

Nada mais justo que um estudioso dos assuntos militares, como Osgood, procure definições. Mas, em se tratando de guerra, uma insensatez por natureza, irracionalidade por concepção e selvageria por execução, não há como conceituá-la ou defini-la sem cair em contestação. Uma guerra pode começar limitada e se estender, tornando-se global ou total. Pode, ainda, ser limitada para um partido e significar a própria sobrevivência do país, para o outro.

No estudo das guerras, Osgood registrou que totais foram as guerras dos séculos XVI e XVII, as guerras napoleônicas dos séculos XVIII e XIX e as duas guerras mundiais. As outras guerras do século XVIII,

grande parte das do século XIX e as demais do século XX foram claramente limitadas, com destaque para as da Coreia e Vietnã, consideradas como guerras limitadas clássicas.

Henry Kissinger em seu livro *Nuclear weapons and foreign policy*, publicado em 1957, definiu a guerra limitada como aquela com objetivos políticos específicos, que tendem a estabelecer uma relação entre as forças empregadas e a meta a ser atingida e que reflete uma tentativa para afetar a vontade do oponente, não para aniquilá-lo, mas para mostrar-lhe que é mais atrativo não continuar resistindo.

O primeiro estudioso e apoloquista da guerra limitada foi Lidell Hart. Os fundamentos da sua teoria sobre esse tipo de guerra surgiram na década de 20, originários da sua convicção de que os líderes militares europeus perderam de vista o verdadeiro objetivo da guerra e, conseqüentemente, conduziram de forma indevida a Primeira Guerra Mundial. Acreditando que o único objetivo da guerra era a destruição do inimigo em grandes batalhas, passaram quatro longos anos em um enorme esforço de atrição. Lidell Hart achava que havia bastante exemplos que provavam que a vitória sobre as forças principais do inimigo não era si-

nônimo de ganhar a guerra. Além disso, como mostraram as guerras mundiais, as tentativas de alcançar esse objetivo poderiam facilmente conduzir as guerras a se globalizarem, a "guerras nas quais não se sabe quando parar", com o condutor da guerra permitindo que o instinto de lutar acabe dominando a razão.

Nos anos 50, Lidell Hart foi um firme opositor ao uso do armamento nuclear. Dizia que "a guerra total implica que o propósito, o esforço e o grau de violência são ilimitados. A vitória é perseguida sem olhar para as conseqüências. Uma guerra ilimitada com poder atômico será suicídio mútuo" (10:72).

Oito meses após o lançamento das bombas no Japão, foi de Lidell Hart a primeira análise pública feita por um escritor militar. Nela estabeleceu os temas que dominariam seus escritos posteriores: a incompatibilidade entre a guerra limitada e o armamento nuclear e, em conseqüência, a necessidade de as nações pacíficas manterem forças convencionais adequadas às suas defesas.

Bernard Brodie foi, também, um dos pioneiros no estudo e defesa da guerra limitada. Para ele, o que mantém a guerra limitada é a contenção deliberada dos meios empregados. E dizia, em seu livro *Strategy in the*

missile age, publicado em 1959: "Devemos estar dispostos a limitar os objetivos porque desejamos manter a guerra limitada e não vice-versa" (11:34). Seria como dizer que a guerra limitada ocorre porque se quer alcançar objetivos apenas com parte do poder militar, sendo irracional a escolha de objetivos que só podem ser obtidos com o uso global do poder ou do armamento nuclear.

Apesar dos estudos pioneiros de Brodie e Lidell Hart, o conceito de guerra limitada emergiu fundamentalmente devido a dois temores básicos: o de uma nova guerra total, mal terminada a Segunda Guerra Mundial, e o de um conflito nuclear, que arriscaria a própria sobrevivência da humanidade. Até aquela guerra, os estudiosos entendiam que a vitória dependia da completa destruição do inimigo. No entanto, a devastação humana e material causada pelo conflito de 1939 a 1945 e o impacto das bombas atômicas lançadas no Japão levaram o pensamento dos estrategistas a se voltar para os problemas que adviriam com o emprego da arma nuclear em uma nova guerra. Surgia, assim, o conceito segundo o qual o grande objetivo da política deveria ser o de evitar a guerra total, limitando-se os demais objetivos políticos da guerra de modo a ga-

nhá-la sem se chegar à vitória militar do tipo tradicional.

A História, esse imenso sistema de alarme, acabou consagrando a guerra limitada, pois, terminada a Segunda Guerra Mundial, não mais ocorreram guerras totais, tendo acontecido algumas dezenas de guerras, a maioria sem envolvimento das potências nucleares em ostensivo antagonismo, a não ser a crise dos mísseis de Cuba, que colocou o mundo à beira da confrontação nuclear entre as duas potências.

AS GUERRAS LIMITADAS CONTEMPORÂNEAS CLÁSSICAS

Guerra da Coréia

A limitação da guerra foi mostrada quando MacArthur recebeu ordens do Presidente Truman para manter a guerra isolada, evitando que se espalhasse para outros pontos do Sudeste asiático. Com efeito, apesar de haver uma força das Nações Unidas lutando contra os norte-coreanos, os americanos não permitiram o emprego de tropas da China Nacionalista. Além disso, foram claramente expressas ordens a MacArthur para que não ultrapassasse o Rio Yalu, na fronteira com a China Comunista.

A Guerra da Coréia foi a primeira sob a égide das Nações Unidas e a primeira experiência americana em guerra limitada. Teria sido realmente limitada? Certamente que sim para os americanos, que se impuseram várias restrições, principalmente pelo temor da entrada da China e União Soviética. Apesar disso, os chineses lá estiveram com suas tropas bem treinadas e os soviéticos também, com aviões e pilotos. Com a limitação auto-imposta pelos americanos, ficou patente que a guerra não poderia ser vencida, gerando um frustrante sentimento de que a guerra foi lutada com uma das mãos amarrada às costas, o que impediu a unificação da Coréia livre do jugo comunista.

Guerra do Vietnã

O incidente no Golfo de Tonquim, quando o USS *Maddox* foi atacado por lanchas vietnamitas, deu a Johnson, que assumira o Governo americano com o assassinato de Kennedy, a oportunidade que desejava para obter do Congresso permissão para realizar ataques ao Vietnã do Norte, que apoiava o movimento guerrilheiro no sul – o Vietcongue – que já detinha o controle de um terço do Vietnã do Sul.

Os ataques aéreos america-

nos ao norte foram limitados, não tendo, deliberadamente, bombardeado Hanói e Haiphong, para não causar danos às populações civis

Em 31 de janeiro de 1968 começou a chamada *ofensiva do Tet* – ano novo vietnamita – com a invasão da Embaixada dos Estados Unidos em Saigon e de várias bases americanas no país. A invasão foi rechaçada, mas a um custo elevado de vidas, causando uma derrota política para Johnson, que passou o governo a Nixon, ao mesmo tempo em que começaram as negociações de paz em Paris, encerradas com a assinatura do tratado de paz a 27 de janeiro de 1973, que marcou a retirada definitiva dos americanos do Vietnã.

Enquanto Nixon anunciava uma “paz com honra”, os americanos se retiraram, deixando 200 mil soldados norte-vietnamitas e 50 mil vietcongues no Vietnã do Sul, que acabou dominado e unificado sob o regime comunista.

Apesar de toda superioridade dos Estados Unidos, inclusive com completo domínio do mar, a guerra lhes custou 55 mil vidas, 300 mil feridos, 150 bilhões de dólares e danos morais e psicológicos que até hoje se refletem na sociedade americana.

Não é por outra razão que,

indignado com o uso limitado do poder, o Almirante Grant Sharp, Comandante-em-Chefe das Forças do Pacífico, declarava, em seu livro *Strategy for defeat. Vietnam in retrospect*:

“Os propósitos e objetivos de uma estratégia política internacional podem ser razoavelmente limitados, como foram os nossos no Vietnã, mas a aplicação do poder militar necessário para alcançar esses objetivos não pode e não deve ser taticamente limitada. Uma vez tomada a decisão de entrar numa guerra, essa deve ser lutada completamente e não pela metade. O soldado que pisa numa mina que não foi varrida não morre pela metade. O piloto cujo avião foi atingido por um míssil, lançado de uma área que não lhe era permitido bombardear, não cai pela metade ou não fica prisioneiro pela metade” (17:270).

Na Guerra da Coréia, o principal fator de limitação foi o temor de uma guerra com a China e a União Soviética. No Vietnã, as limitações foram impostas pela concepção de que o objetivo político não era suficientemente atrativo para justificar a expansão.

Guerra das Malvinas

Foi um conflito de dimensões rigorosamente limitadas. O

objetivo comum foram as Ilhas Malvinas, Geórgias do Sul e Sandwich, que os argentinos queriam tomar e incorporar ao seu patrimônio.

Além do objetivo limitado, a Argentina foi limitada pela sua menor capacidade militar, e a Grã-Bretanha, pela imposição dos países desenvolvidos que a apoiavam. E após vencer a guerra, tendo completo domínio do mar e podendo até bombardear território continental argentino, os britânicos não escalaram a guerra, regressando após a retomada das ilhas e rendição argentina.

Foi uma guerra que rendeu homenagem às teorias de Osgood, pois envolveu apenas dois beligerantes; a batalha foi reduzida a uma área marítima e terrestre bem delimitada; foi dirigida contra alvos selecionados e primordialmente de importância militar; não houve empenho de todo o poder nacional dos oponentes; os objetivos foram limitados; só exigiu parte do potencial humano e militar dos envolvidos e não visou à completa destruição do país inimigo.

Rendeu homenagem também a Lidell Hart e à sua teoria da incompatibilidade entre a guerra limitada e a guerra nuclear, pois envolveu um país cujo potencial nuclear foi usado apenas para propulsionar alguns de seus submarinos...

A GUERRA LIMITADA NO ENFOQUE DAS SUPERPOTÊNCIAS E NAÇÕES DO TERCEIRO MUNDO

A guerra limitada leva a marca de um particular período da política externa americana, como parte da política de *guerra fria*. Concebida logo após o final da Segunda Guerra Mundial, com a estratégia de *contenção periférica*, foi na década de 60, no Governo Kennedy, que a guerra limitada se converteu em doutrina oficial, em um cenário em que o propósito era a contenção do movimento de expansão do comunismo internacional.

Mas, apesar do inicial monopólio nuclear e da, durante muito tempo, superioridade nuclear, os Estados Unidos não lograram êxito, pois os soviéticos estenderam seu domínio aos países ocupados do Leste europeu, chegando até a ameaçar o Irã, Grécia e Turquia. E, sem nunca terem se aproveitado da sua superioridade, devido à equivocada política de limitação ao uso do poder, os americanos se condenaram a não ter mais grandes triunfos militares, acabando por colher frustrações até nos conflitos limitados, como na Coreia e no Vietnã.

Os soviéticos, por seu turno, nunca advogaram o uso aberto e

declarado do seu poder, a não ser nos países-satélites. Derrotados na crise de Cuba, têm preferido, de forma velada e sob a capa da *coexistência pacífica*, a exportação insidiosa do movimento comunista, auxiliando, com técnicos e armamentos, em todos os cantos do mundo, as insurreições e lutas de conquista de inspiração marxista-leninista. É evidente que, quanto mais limitada for a guerra, melhor será para a sua ação clandestina.

O conceito de guerra limitada é também aplicável a uma nação do terceiro mundo, mormente se a guerra for travada contra país em mesmo estágio de desenvolvimento, como foi o caso da guerra entre o Irã e o Iraque.

Como um país do terceiro mundo tem poder nacional limitado, sua atuação numa guerra será sempre limitada, embora o país possa estar lutando com todas as forças vivas da nação, ou seja, de modo total, quando ameaçada a sua sobrevivência ou contagiado por uma forte ideologia. Nesses casos, o caráter extremado da causa pode gerar uma motivação irradiante e acabar conduzindo a vitórias notáveis, principalmente se o inimigo for mais forte e lutar de modo limitado, como ocorrido nas guerras da Coreia e, principalmente, do Vietnã.

É lógico que em questões menores, objetivos políticos limitados e defrontando-se com inimigos parelhos, as nações menos desenvolvidas utilizarão apenas uma parte do seu já limitado poder, situação em que ocorrerá verdadeiramente uma guerra limitada, pela própria limitação dos beligerantes.

CONCLUSÃO

Parece ser evidente que as concepções militares atuais não pretendem repetir o passado, quando prevalecia a glorificação do espírito ofensivo e a absoluta vontade de aniquilar o inimigo.

O custo de uma guerra total e o surgimento do armamento nuclear, embora sem determinarem a obsolescência do conflito armado, trouxeram uma nova postura, a da limitação da guerra.

Por isso, as guerras atuais têm sido limitadas em muitos aspectos e estudadas de forma acadêmica, numa tentativa de enquadrá-la em parâmetros teóricos. Mesmo assim, o próprio Osgood, um de seus maiores estudiosos, acabou concluindo que "as condições e modalidades dos conflitos internacionais são demasiado variadas, dinâmicas e subjetivas para que a guerra limitada possa ser submetida a regras preestabelecidas" (15:103).

Reportando-nos à clássica concepção de Clausewitz, de que "a guerra é a continuação da política por outros meios", e cientes de que aqueles que conduzem a política sabem que têm capacidade de violentar o meio ou agredir o seu semelhante, movidos por um interesse maior, podemos concluir que a guerra, limitada ou não, continuará ainda por muito tempo presente e cada vez mais deverá povoar os nossos pensamentos e ser alvo de nossas profundas reflexões.

O próprio Lidell Hart, há muitos anos, criticando aqueles que achavam estar o mundo fadado a uma escolha entre a guerra total ou a paz total, dizia que, embora fosse um pacifista de coração, não tinha, num futuro visível, esperanças na segunda opção.

Certamente que nós, do nosso presente, o futuro de Lidell Hart, não podemos pensar diferente.

A paz ainda não é para amanhã.

Si vis pacem, para bellum.

BIBLIOGRAFIA

1. ADMIRE, John H. Understanding limited war. *Marine Corps Gazette*, Quantico, 67: 50-56, jan. 1983.
2. CANCIAN, Mark F. Future conflict and the lessons of Vietnam. *Marine Corps Gazette*, Quantico, 67: 57-65, jan. 1983.
3. COSTA, Luiz Sergio Silveira, dir. et

- alli. *Trabalho sobre estratégia marítima*. Rio de Janeiro, EGN, 1987.
4. CHAVES, Omar Emir. A guerra absoluta e a guerra limitada. *Carta Mensal*, Rio de Janeiro, 31: 3-14, set. 1985.
 5. CORDEIRO JÚNIOR, Haroldo Bastos, Evolução do pensamento estratégico das superpotências, Rio de Janeiro, 5ª ed., 1987. Palestra na Escola de Guerra Naval, em 9 abr. 1987.
 6. DEITCHMAN, Seymour, J. Guerra Limitada. *Military Review*, Fort Leavenworth, 51: B-16, jul. 1971.
 7. FREITAS JÚNIOR, Arthur Oscar. *A guerra limitada e a guerra total*. Rio de Janeiro, EGN, 1985.
 8. FLORES, Mario Cesar. Malvinas: uma primeira abordagem. *Revista Marítima Brasileira*, Rio de Janeiro, 102 (4/6): 59-70, abr/jun. 1982.
 9. KOBURGER JUNIOR, Charles W. Guerras limitadas, *Military Review*, Fort Leavenworth, 48: 3-9, jul. 1968.
 10. LARSON, Robert H. B. H. Lidell Hart: Apostle of limited war. *Military Affairs*, Kansas, 44: 70-74, apr. 1980.
 11. LEGRO, William E. Dois conceitos de guerra limitada. *Military Review*, Fort Leavenworth, 50: 32-39, jul. 1970.
 12. LIDELL HART, B.H. *As grandes guerras da história*. 2ª ed. São Paulo, IBRASA, 1967, 514 p.
 13. ———. *Estratégia*, Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1966, 507 p.
 14. OSGOOD, Robert E. *Limited war. The challenge to american strategy*. Chicago, The University of Chicago Press, 1957, 315 p.
 15. ———. Nuevo examen de la guerra limitada. *Estrategia*, Buenos Aires, 2: 80-103, mai/jun. 1970.
 16. SASS JR, Edward J. *Lições aprendidas com a guerra aérea na Coreia*. Rio de Janeiro. Conferência na Escola de Comando e Estado-Maior da Aeronáutica, s.d.
 17. SHARP, Ulysses S. Grant. *Strategy for defeat. Vietnam in retrospect*. San Rafael, Presfido Press, 1978, 324 p.
 18. SHERMER, David. *Wars of the 20th century*. Hong Kong, Mandarin, 1975.
 19. SILVA, Antonio da. *As guerras e as escolas de pensamento*. Rio de Janeiro, EGN, 1986.
 20. VIDIGAL; Armando Amorin Ferreira. Conflito no Atlântico Sul. *Revista Marítima Brasileira* Rio de Janeiro, 105 (4/6): 7-35, abr/jun. 1985.

"A FI Indústria e Comércio foi criada em 1980 para operar instalações industriais da Marinha, com o objetivo de tornar o Brasil auto-suficiente na

NOSSO ALVO PRINCIPAL É O PRÓXIMO DESAFIO

produção de munições navais, e de campanha. Tal meta, pelas conquistas alcançadas, já se direciona para a exportação. É o desafio como uma constante para estimular o progresso de quem acredita no que faz".



FI INDÚSTRIA E COMÉRCIO S.A.

Fábrica: Avenida Brasil, km 49
Tel. (021) 394-9797 - RJ

Escritório: Avenida Rio Branco, 26 - 8º andar
Tel. (021) 233-1188 / Telex 21 23997
Rio de Janeiro - RJ - CEP 20090

